

A DINÂMICA ESTRATÉGICA NA GUERRA RUSSO-UCRANIANA

STRATEGIC DYNAMICS IN THE RUSSO-UKRAINIAN WAR

WALTER DA COSTA FERREIRA

RESUMO

No contexto das disputas geopolíticas no Leste Europeu, a Guerra da Ucrânia emerge em consequência de eventos políticos e securitários que realçaram percepções de ameaça, mormente por parte da Rússia. O objetivo deste trabalho é descortinar a dialética estratégica entre os dois principais atores do conflito russo-ucraniano, no decurso entre 2014 e a culminância ofensiva de Kiev em 2023. Presentemente, a guerra travada em solo ucraniano perdura sob impasse estratégico. Nesse sentido, discorrer-se-á sobre as escolhas estratégicas de Kiev e de Moscou, ao longo do referido conflito, que direcionaram as ações em força durante a anexação da Crimeia, a invasão russa multidirecional da Ucrânia, o confrontamento na região do Donbass e a contraofensiva ucraniana. Como conclusão deste trabalho, serão destacados os aspectos relevantes que contribuíram para o atual impasse estratégico e as perspectivas sobre o desfecho do conflito.

Palavras-Chave: Estratégia militar; Conflito armado; Coerção; Guerra da Ucrânia; Estudo de caso.

ABSTRACT

In the context of geopolitical disputes in Eastern Europe, the Ukrainian War emerges as a consequence of political and security events that highlighted threat perceptions, especially from Russia. The purpose of this work is to uncover the strategic dialectic between the two main actors in the Russian-Ukrainian conflict, between 2014 and the culmination of Kiev's offensive in 2023. Currently, the war fought on Ukrainian soil continues under a strategic stalemate. In this sense, we will discuss the strategic choices made by Kiev and Moscow, throughout the concerned conflict, which directed military actions during the annexation of Crimea, the multidirectional Russian invasion of Ukraine, the confrontation in the Donbass region and the Ukrainian counteroffensive. As a conclusion to this work, the relevant features that contributed to the current strategic impasse and the perspectives on the outcome of the conflict will be highlighted.

Keywords: Military strategy; Armed conflict; Coercion; Ukraine war; Case study.

O AUTOR

Coronel da reserva do Exército Brasileiro, graduado em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Pós-graduado pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Atualmente é pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Estratégicos e Segurança Internacional (GEESI / UFPB)



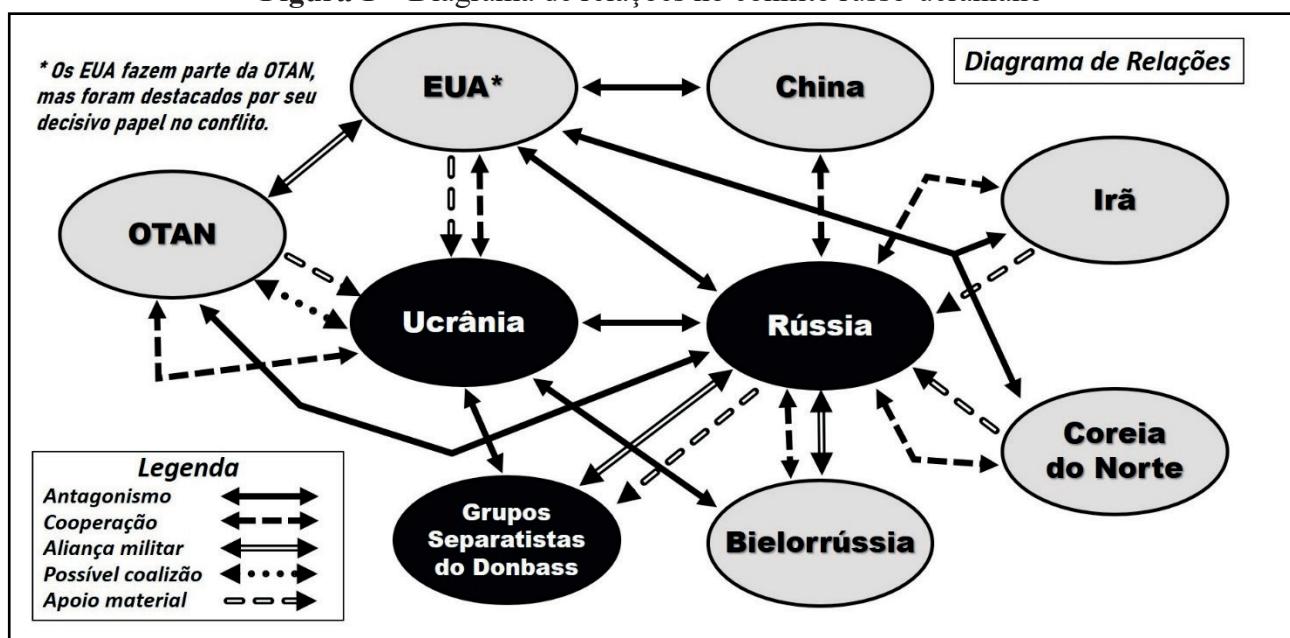
1 INTRODUÇÃO

Estratégia é mais uma arte do que uma ciência. É o domínio do provável e não da certeza. Uma estratégia sólida aumenta as chances de sucesso estratégico; ela não garante a vitória. Além disso, a realidade material e política restringe inevitavelmente o leque de escolhas estratégicas. A ação recíproca dos beligerantes introduz ainda mais complexidade (Mahnken, 2019, p. 81, tradução nossa).¹

A dinâmica estratégica na guerra russo-ucraniana, desenvolvida a partir da anexação russa da Crimeia em 2014, constitui a temática abordada por este artigo. Esse contencioso bélico entre Moscou e Kiev configura corolário das interações securitárias no Leste Europeu, mormente aquelas que envolvem a Rússia e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), sendo esta impulsionada pela política externa estadunidense (Mearsheimer, 2022). Segundo o autor referenciado, os Estados Unidos lideraram um esforço político, econômico e militar para transformar a Ucrânia em uma democracia liberal alinhada ao Ocidente e para incorporá-la à União Europeia e à OTAN. Em contrapartida, Moscou identificou esse movimento ocidental como ameaça existencial, no contexto da expansão atlanticista para leste, potencializando a irrupção da beligerância na área estratégica considerada.

Correntemente, o mencionado conflito armado encontra-se em um momento de impasse estratégico, em que as partes contendoras se revelam incapazes, em grande medida, de alcançar seus respectivos objetivos políticos na plenitude. Em tal cenário belicoso, cabe destacar a aguda influência da aliança transatlântica, centrada no protagonismo norte-americano, bem como de atores extrarregionais como a China, o Irã e a Coreia do Norte, na dialética estratégica do conflito. A seguir, apresenta-se um diagrama, como modelo simplificado da realidade, com o propósito de aclarar a inter-relação dos diversos atores envolvidos, direta ou indiretamente, no conflito russo-ucraniano.

Figura 1 – Diagrama de relações no conflito russo-ucraniano



Fonte: elaborada pelo autor.

¹ No original: "Strategy is more an art than a science. It is the realm of the probable rather than the certain. Sound strategy improves the chances of strategic success; it does not guarantee victory. Moreover, material and political reality inevitably constrain the range of strategic choice. The reciprocal action of the belligerents introduces further complexity."

A abordagem da dinâmica estratégica dos conflitos armados requer, peremptoriamente, a compreensão, em sentido lato, do conceito de estratégia, como ponte que conecta os recursos do poder ao propósito político. Ademais, Freedman e Raghavan (2013, p. 207, tradução nossa) nos alertam que estratégia, ao fim e ao cabo, é uma questão de escolha, derivada da interdependência dialética entre ameaças e oportunidades, nos seguintes dizeres:

Estratégia é uma questão de escolha. Depende da capacidade de compreender as situações e de apreciar os perigos e oportunidades que elas contêm. Isso, por sua vez, exige uma compreensão das escolhas disponíveis para os outros e de como isso pode frustrar ou permitir as próprias escolhas. A essência da estratégia, portanto, é a interdependência da escolha.²

A partir do que precede, este artigo pretende evidenciar a dinâmica estratégica desempenhada pelos dois principais atores do conflito russo-ucraniano, no decurso entre 2014 e a culminância ofensiva de Kiev em 2023. Após uma sequência de ofensivas e contraofensivas, a guerra ganhou contornos, presentemente, de uma contenda sob impasse estratégico. Destarte, abordando as escolhas estratégicas de Kiev e de Moscou, o artigo será desenvolvido, após a introdução, em quatro seções: a primeira está relacionada à anexação da Crimeia em 2014 e à guerra civil ucraniana subsequente; a segunda refere-se à invasão multidirecional da Ucrânia por forças russas, a partir de 24 de fevereiro de 2022; a terceira discorre sobre a mudança no curso da guerra em abril do mesmo ano, mediante a concentração das operações militares na região do Donbass³ e seus arredores; e a quarta concerne à contraofensiva ucraniana empreendida a partir de junho de 2023. Na sequência, a conclusão do trabalho busca ressaltar os aspectos relevantes que contribuíram para o atual impasse estratégico e as perspectivas sobre o desfecho do conflito.

Em adição aos ensinamentos de notáveis estrategistas militares, como Clausewitz (1984), Sun Tzu (2011) e Liddell Hart (1967), cabe salientar que a dinâmica estratégica do supracitado conflito será avaliada à luz da teoria oferecida, entre outras referências dos estudos estratégicos, por: Mearsheimer (2022), expoente do neorrealismo ofensivo; Schelling (1966), nomeadamente a teoria da coerção e suas modalidades; Beaufre (1998), particularmente os métodos e os modelos estratégicos apresentados pelo general francês; e Echevarria II (2017), que nos proporciona uma visão objetiva sobre as estratégias militares. Outrossim, as observações e inferências do autor também encontram amparo na doutrina militar brasileira (Brasil, 2007, 2020). Por fim, destaca-se que o trabalho ora apresentado possui uma perspectiva qualitativa, observando uma metodologia de estudo de caso.

2 A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA E A GUERRA CIVIL UCRANIANA

Os primeiros atos de violência armada entre russos e ucranianos remontam ao ano de 2014, por ocasião da Crise da Crimeia e da Guerra Civil Ucraniana. Nesse contexto, em decorrência do movimento popular conhecido como Euromaidan⁴ e da deposição do presidente ucraniano pró-russo,

²No original: “Strategy is about choice. It depends on the ability to understand situations and to appreciate the dangers and opportunities they contain. This in turn calls for an understanding of the choices available to others and of how this might frustrate or enable one's own choices. The essence of strategy therefore is the interdependence of choice.”

³Para fins de compreensão do litígio em questão, o Donbass, ou bacia do rio Donets, compreende as províncias (em ucraniano, *oblast*) de Donetsk e Luhansk, situadas na porção leste do território ucraniano.

⁴O movimento insurrecional conhecido como Euromaidan foi uma série de manifestações populares e atos de desobediência civil, entre 2013 e 2014, com os objetivos de afastar o chefe de Estado ucraniano, promover o combate à corrupção no governo e realizar a integração da Ucrânia à União Europeia.

Viktor Yanukovych, Moscou decidiu anexar a península da Crimeia e fomentar o movimento separatista na região do Donbass, precisamente em Donetsk e Luhansk (Freedman, 2019).⁵ No período precedente à anexação da Crimeia em 2014, houve várias tentativas político-diplomáticas da Rússia no sentido de impedir a expansão da OTAN para o Leste Europeu. A título de exemplo, citam-se as negociações diretas com os norte-americanos em 1990 e 1991 (Savranskaya; Blanton, 2017) e o acordo de cooperação e segurança OTAN-Rússia (*Founding Act*), firmado em 1997.

Em 2008, na Cimeira de Bucareste promovida pela OTAN, após a adesão de vários países do Leste Europeu à aliança transatlântica – Polônia, Hungria, Romênia, Países Bálticos, *inter alia* – a decisão de incorporar a Geórgia e a Ucrânia em momento futuro implodiu integralmente a credibilidade política dos compromissos previamente assumidos com os russos. Sob o enfoque estratégico, nota-se o fracasso contundente dos esforços dissuasórios de Moscou, em grande parte ocasionado por uma crônica carência de suas capacidades econômicas, em conjuntura transicional para um sistema democrata-capitalista, além da drástica contração do seu aparato bélico convencional decorrente do mencionado processo, ainda bastante desorganizado no final do século passado e início do século XXI.

Figura 2 – Península da Crimeia e região do Donbass



Fonte: CBC News (2022).

Em conformidade ao objetivo político russo de impedir a entrada da Ucrânia na OTAN, assinala-se que a anexação da Crimeia representou o ápice de uma manobra de crise desempenhada por Moscou, em resposta à metamorfose política de Kiev, que impactou diretamente os interesses securitários da Rússia. Nesse cenário conflituoso, verificou-se uma confrontação inicial de ações

⁵Ressalta-se que o escopo desta obra não incorpora a análise geopolítica dos mencionados fatos históricos, mas tão somente a dinâmica estratégica correspondente. Para obter maiores detalhes, consultar Mearsheimer (2022) e Freedman (2019).

político-diplomáticas e psicossociais de ambas as partes, que culminou com a surpreendente e célere ocupação da Crimeia por forças militares russas (Freedman, 2019; Galeotti, 2023), sem oposição significativa do aparato militar ucraniano presente na região. A operação militar russa instituiu um fato consumado na crise, consolidando a posse da área litigiosa, sem conflito armado entre as partes, a despeito das sanções político-econômicas impostas pela comunidade internacional.

Destarte, em função do resultado verificado, é cabível atestar a precisa avaliação estratégica efetuada por Moscou, que recorreu à violência armada tão somente na intensidade e amplitude necessárias para consumar a posse da região contestada. Não obstante a relevância dos interesses em jogo, nomeadamente a integridade territorial da Ucrânia, Kiev declinou da violência como forma de solução do conflito, retirando suas forças armadas da península ocupada pelas tropas russas. Essa ação estratégica de Kiev se coadunou com a desescalada da crise, em razão de sua inferioridade de poder perante a Rússia, mormente nas expressões econômica e militar.

Na literatura de estudos estratégicos, entende-se que a modalidade de *fait accompli* (Altman, 2017) pressupõe a realização de uma operação militar ofensiva, caracterizada pela surpresa estratégica e pela rapidez do movimento tático, no intuito de ocupar uma área limitada sem oposição significativa do ator rival, suscitando fato consumado na dialética de interesses. Após a atitude ofensiva inicial, alterna-se para uma postura defensiva com o propósito de manter a posse da área litigiosa, reservando ao oponente a escolha estratégica⁶ da contraofensiva ou da negociação, entre outros expedientes diplomáticos possíveis, para retomar o território perdido. Segundo Altman (2017, p. 882, tradução nossa, grifo nosso), “Cada *fait accompli* é um risco calculado. Se resultará em ganho bem-sucedido ou escalada, dependerá se o desafiante avaliou acertadamente o nível de perda que o defensor aceitará”.⁷ Destarte, a avaliação meticulosa das capacidades militares e da cultura estratégica do oponente, bem como da conjuntura regional e global, revela-se vital para o sucesso estratégico, permitindo depreender provável inércia, retirada ou rendição da força militar inimiga, uma vez que se pretende evitar a beligerância e assegurar interesses por meio de um acordo político. Em face do exposto, registra-se a maestria estratégica do Kremlin no processo de anexação da Crimeia.

Adicionalmente à ação em força na Crimeia e valendo-se do antagonismo crescente entre Kiev e grupos separatistas pró-russos localizados nas províncias de Donetsk e Luhansk, Moscou implementou uma combinação eficaz de ações estratégicas para potencializar a instabilidade política da Ucrânia. Nesse mister, notabilizaram-se as ações militares coercitivas junto à faixa fronteiriça russo-ucraniana, a utilização de empresas militares privadas,⁸ o apoio logístico e financeiro à insurgência separatista no Donbass, as pressões político-diplomáticas exercidas pelo Kremlin e as campanhas psicológicas direcionadas à população de origem russa, *inter alia*. Houve, inclusive, algumas intervenções militares diretas na guerra civil ucraniana, em caráter episódico e limitado, por intermédio de grupos táticos de batalhão⁹ (Saw, 2022), embora tal emprego jamais tenha sido admitido por Moscou.

⁶Registra-se que as escolhas estratégicas decorrem, basicamente, do cálculo racional de custos, riscos e benefícios. Todavia, sofrem influência marcante da cultura estratégica do Estado, da personalidade de sua liderança política e, ainda, de pressões domésticas.

⁷No original: “Each *fait accompli* is a calculated risk. Whether it results in a successful gain or escalation depends on whether the challenger has successfully gauged the level of loss the defender will accept.”

⁸De fato, grupos mercenários como o *Wagner Group*.

⁹O grupo tático de batalhão (BTG) é o módulo básico de combate das forças russas, sendo uma organização militar de armas combinadas – infantaria, carros de combate, artilharia, defesa antiaérea, engenharia, guerra eletrônica, *inter alia* – com composição flexível e efetivo variando entre 700 e 900 soldados (Grau; Bartles, 2016).

Os Acordos de Minsk, em 2014 e 2015, buscaram efetivar uma solução política para a guerra civil ucraniana na região do Donbass; contudo, ambos os acordos não lograram o êxito esperado, porquanto algumas medidas pactuadas nunca chegaram a ser implementadas, assim como escaramuças na linha de contato com as forças insurgentes e bombardeios de artilharia recíprocos prosseguiram, episodicamente, até a invasão russa da Ucrânia em 2022 (Freedman, 2019).

No domínio da grande estratégia¹⁰ do Kremlin, em ambos os casos supradescritos (Crimeia e Donbass), verifica-se uma concepção estratégica fundamentada no método de ação indireta¹¹ e na aplicação do modelo de ações sucessivas¹², que conjuga habilmente a ameaça direta, a pressão indireta e ações militares limitadas em força. Na esfera da estratégia militar¹³, observa-se o alinhamento ao nível político de planejamento e decisão, mediante a adoção do método de ação indireta, operacionalizado por ações violentas limitadas que buscaram erodir o poder nacional ucraniano com o fito de submeter Kiev à pauta política do Kremlin. Em verdade, o propósito de Moscou era criar forte instabilidade na Ucrânia, inviabilizando sua adesão à OTAN.

Em contrapartida, a estratégia ucraniana orientada à Rússia, seja no nível nacional, seja no nível militar, alicerçou-se, também, no método da ação indireta em ambas as situações, mediante a observância do modelo de pressão indireta. Embora tenha conduzido operações militares contra as forças separatistas de Donetsk e Luhansk, a Ucrânia abdicou do conflito armado com a Rússia, em função de sua grande inferioridade em poder militar e recursos econômicos. Rússia e Ucrânia enfrentaram-se coercitivamente por meio de ações estratégicas diversificadas, incluindo a violência armada russa em caráter limitado (Schelling, 1966); não obstante o fizeram em um nível abaixo do limiar da guerra ou do conflito armado. Na literatura de estudos estratégicos, esse tipo de contenda coerciva mesclada com episódios de violência limitada, em situação de crise político-estratégica, é denominado conflito na zona cinza. De acordo com Jordan (2020, p. 2, tradução nossa),

A zona cinza não significa relações pacíficas nem conflito armado. No conflito da zona cinza, a competição estratégica entre dois ou mais Estados (com suas respectivas diádes conflituosas) ocorre abaixo do limiar do conflito armado. A natureza essencialmente não violenta do conflito, salvo episódios esporádicos que envolvem o uso limitado da violência, é geralmente deliberada por ambas as partes, particularmente o desafiante. O objetivo é evitar ultrapassar linhas vermelhas que desencadeariam uma escalada militar com custos elevados e consequências imprevisíveis.¹⁴

¹⁰ Também referenciada como estratégia nacional, a cargo da liderança política do Estado.

¹¹ A estratégia nacional apresenta dois métodos básicos, conforme o papel exercido pelo poder militar no desenlace do litígio, comparativamente aos demais instrumentos do poder nacional. Se protagonista, considera-se ação direta; se coadjuvante, ação indireta (Brasil, 2020). A seleção do método observa as capacidades militares e econômicas, a liberdade de ação nos planos interno e externo, a vontade política, a motivação nacional e as condições temporais (Beaufre, 1998).

¹² Os modelos estratégicos citados neste artigo são: ameaça direta, pressão indireta, ações sucessivas, conflito violento e conflito prolongado. Para obter detalhes, consultar Beaufre (1998). Destaca-se que, usualmente, há combinação de modelos ao longo do conflito, bem como possível criação de outros, pois estratégia é mais arte do que ciência.

¹³ Os métodos da estratégia militar, segundo a doutrina brasileira (Brasil, 2020), são: ação direta (Clausewitz, 1984), aproximação indireta (Hart, 1967) e ação indireta (Tzu, 2011). Cabe registrar o método nuclear no rol de estratégias militares, exequível apenas pelas potências atômicas do planeta. Echevarria II (2017) apresenta, entre outras modalidades, a aniquilação (ação direta), a deslocação (aproximação indireta) e a atração/exaustão (ação indireta).

¹⁴ No original: “The gray zone is neither peaceful relations nor armed conflict. In gray zone conflict, strategic competition between two or more states (with their respective conflict dyads) takes place below the threshold of armed conflict. The essentially non-violent nature of the conflict, save for sporadic episodes involving limited use of violence, is usually deliberate on the part of the parties, particularly the instigator. The aim is to avoid crossing red lines that would trigger a military escalation with high costs and unforeseeable consequences.”

A manobra exterior de Kiev (Beaufre, 1998) procurou ampliar sua liberdade de ação junto à comunidade e à opinião pública internacionais, isolar Moscou no cenário político mundial, assim como amplificar suas capacidades dissuasórias. Para tal intento, Kiev recorreu às ações político-diplomáticas, à guerra informacional e à cooperação militar com as nações ocidentais, particularmente com os Estados Unidos, a fim de obter apoio político-econômico e recursos bélicos modernos. Nesse sentido, no período entre 2014 e 2022, houve considerável incremento do poder de combate das forças armadas ucranianas, muito em razão da assistência militar da OTAN e do fornecimento de equipamentos militares ocidentais a Kiev.

3 A INVASÃO DA UCRÂNIA

Em 24 de fevereiro de 2022, após o fracasso das medidas coercitivas de Moscou, aproximadamente 120 grupos táticos de batalhão das forças armadas russas cruzaram a fronteira russo-ucraniana, em diferentes direções estratégicas, a partir da Rússia, Bielorrússia e Crimeia, para conquistar importantes objetivos estratégico-operacionais, um dos quais a capital ucraniana, Kiev (Bowen, 2023). Esse evento de força bruta assinalou a maior operação militar ofensiva na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Com absoluta certeza, é cabível afirmar que o conflito russo-ucraniano abandonou a zona cinza, convertendo-se em um conflito armado de alta intensidade, embora Moscou o tenha classificado como uma “operação militar especial” (TASS, 2022a), notadamente uma expressão eufemística. Decerto, o processo de aproximação de Kiev com a OTAN, a partir da anexação da Crimeia em 2014 e intensificado em 2021, constituiu uma das relevantes motivações para a decisão do Kremlin de invadir a Ucrânia em fevereiro de 2022 (Mearsheimer, 2022).

Não obstante, em precedência à violência em larga escala, a Rússia ambicionou o atingimento pacífico de seus objetivos políticos por intermédio da coerção estratégica.¹⁵ Nesse mister, Moscou implementou uma manobra de crise corporificada por ações estratégicas político-econômicas, psicossociais e militares, ilustradas por gestões diplomáticas junto à OTAN, por acordos de cooperação com Pequim (Hoffman, 2022), por ameaças de restrição energética aos países europeus, por campanhas psicológicas amparadas em narrativas históricas, pelo deslocamento e concentração estratégica de tropas junto à fronteira russo-ucraniana, na Crimeia e no território da Bielorrússia a partir de outubro de 2021 (Bowen, 2023), assim como pela realização de manobras militares de caráter intimidatório. Referindo-se a Putin, presidente russo, Mearsheimer (2022, p. 21, tradução nossa) afirma: “Seu objetivo era coagir Biden e Zelensky a alterar o rumo e a interromper seus esforços para integrar a Ucrânia ao Ocidente”.¹⁶

No contexto da supracitada crise político-estratégica, a mensagem coercitiva de Moscou foi divulgada explicitamente por meio de comunicação diplomática – cartas separadas à administração Biden e à OTAN – e declarações oficiais na mídia internacional, exigindo a garantia por escrito de que a Ucrânia não aderiria à aliança transatlântica, que nenhuma arma ofensiva seria instalada nas proximidades da Rússia e que as forças da aliança estacionadas na Europa Oriental desde 1997

¹⁵ A coerção estratégica, consubstanciada pelo emprego de ameaças para influenciar a escolha estratégica do oponente, compreende duas modalidades: dissuasão e compelência (Schelling, 1966). A dissuasão é o uso de ameaças para demover um adversário de iniciar um ato contrário aos interesses do coator. A compelência, por sua vez, visa compelir o rival a fazer algo ou interromper uma ação indesejável em curso. Segundo o autor em referência, a compelência pode incorporar o uso limitado da força para potencializar o efeito coercivo. Cabe registrar que o termo compelência constitui um neologismo oriundo da palavra inglesa *compellence*, sendo bastante utilizado na literatura acadêmica brasileira de estudos estratégicos.

¹⁶ No original: “His aim was to coerce Biden and Zelensky into altering course and halting their efforts to integrate Ukraine into the West.”

(*Founding Act* como referência temporal) seriam transferidas de volta para a Europa Ocidental (Mearsheimer, 2022). A despeito das capacidades militares russas e da credibilidade da ameaça do Kremlin, fundamentada por sua resoluta vontade política, pela reputação intervencionista da Rússia no seu entorno estratégico e pela relevância dos interesses securitários em jogo, a compelência de Moscou não logrou o êxito esperado, na medida em que Kiev, presumindo o suporte político-econômico e a assistência militar do Ocidente, assumiu os custos da resistência armada.

Com base em declarações oficiais do presidente russo e informações veiculadas na mídia pelo Kremlin (TASS, 2022a), é possível inferir que os objetivos políticos do conflito estabelecidos por Moscou concerniam, no todo ou em parte, à substituição da liderança política da Ucrânia por uma governança pró-russa, à imposição do estatuto de neutralidade à Ucrânia, à proteção da população de origem russa supostamente perseguida por Kiev, à desmilitarização e desnazificação¹⁷ da Ucrânia, à consolidação da soberania da Rússia sobre a Crimeia e ao restabelecimento da integridade territorial das Repúblicas de Donetsk e Luhansk já anexadas legalmente à Federação Russa (Bowen, 2023). Como se percebe, parte dos supradescritos objetivos é maximalista, implicando uma mudança de regime em Kiev, o que configura um conflito armado ilimitado¹⁸ e uma justificativa razoável para o fracasso da compelência empreendida pelo Kremlin.¹⁹

Por conseguinte, em paralelo ao bloqueio naval imposto pela marinha russa no Mar Negro e aos ataques aéreos e missilísticos contra ativos militares e infraestruturas críticas de Kiev, uma operação offensiva em larga escala foi desencadeada pela Rússia em território ucraniano, em que se verificou a utilização de todos os 12 exércitos de armas combinadas²⁰ disponíveis na estrutura militar de Moscou no início de 2022, compostos por aproximadamente 120 grupos táticos de batalhão.²¹ Tal aparato militar significava um efetivo de 170 a 190 mil combatentes (Bowen, 2023), distribuídos em quatro direções estratégicas (norte, nordeste, leste e sul) que, por sua vez, compreendiam múltiplas direções táticas de atuação (DTA).²² Em verdade, cada exército russo enquadrava, em média, dez grupos táticos de batalhão e várias unidades logísticas e de apoio ao combate – artilharia, engenharia, comunicações, guerra eletrônica e outras – o que lhe conferia, de fato, um poder de combate equivalente a uma divisão ocidental. Em adição, é preciso considerar as forças separatistas do Donbass, com cerca de 35 mil combatentes, assim como as tropas da guarda nacional russa (*Rosgvardia*), empregadas em ações de segurança da área de retaguarda. Em contrapartida, a oposição armada de Kiev, antes da decretação

¹⁷ Bowen (2023) destaca que muitos analistas entenderam o termo desnazificação como um pretexto para a derrubada do governo da Ucrânia. Por outro lado, a desmilitarização implicaria a neutralização das forças militares ucranianas.

¹⁸ A guerra ilimitada está relacionada a objetivos de grande amplitude, como a mudança de regime, a anexação integral do território adversário ou a subordinação completa do oponente ao vencedor.

¹⁹ De acordo com Haun (2015), a coerção tende a falhar quando as exigências do coator são excessivas, ameaçando a própria existência do Estado coagido ou o seu regime.

²⁰ O exército de armas combinadas, na organização militar russa, é composto por um número variável de divisões e brigadas de manobra, assim como elementos logísticos e de apoio ao combate (artilharia, defesa antiaérea, mísseis de ataque terrestre, engenharia, guerra eletrônica, *inter alia*) (Grau; Bartles, 2016). Em tese, cada regimento divisionário e cada brigada de manobra organizam dois BTG com tropas profissionais (contratados) para emprego em missões externas de projeção de poder. A legislação russa não permite o uso de conscritos (recrutas) fora do território nacional.

²¹ Segundo declaração do ministro da defesa da Rússia, General Sergei Shoigu, em 10 de agosto de 2021, haveria cerca de 170 BTG junto às forças do exército, aerotransportadas e de infantaria naval (TASS, 2021).

²² “Direção que permite chegar ao objetivo estratégico ou atingir a finalidade estratégica fixada pelo escalão superior” (Brasil, 2015, p. 91). Uma DTA compreende uma faixa no terreno, contando com um ou mais eixos, cuja amplitude e capacidade de tráfego permitem o emprego tático e o apoio logístico do escalão considerado, normalmente uma divisão de exército.

da mobilização geral, contava com quantitativo semelhante, levando em consideração as 18 brigadas do exército ucraniano, as sete brigadas das forças aerotransportadas, as duas brigadas de fuzileiros navais, as 25 brigadas da força de defesa territorial e o efetivo da guarda nacional ucraniana.

Nesse contexto dialético, a manobra operacional de Moscou, tanto física quanto informacional, visava atingir, basicamente, os principais centros de gravidade ucranianos, a saber: sua liderança política, representada pelo presidente Zelensky; seu comércio marítimo, centrado nos portos de Odessa, Mykolaiv, Kherson, Berdyansk e Mariupol; suas forças terrestres, em grande parte estacionadas na região leste do país após 2014; a capital Kiev, importante polo industrial e o centro político-administrativo da Ucrânia; assim como o apoio político-econômico-militar do Ocidente.

Sob esse direcionamento estratégico, quatro exércitos (2° , 35° , 36° e 41°) dos Distritos Militares Central e Oriental, reforçados por tropas aerotransportadas e de operações especiais (*Spetsnaz*), convergiram sobre a capital Kiev, com o fito de cercá-la e conquistá-la, consubstanciando o esforço principal da manobra ofensiva russa (Bowen, 2023). Três exércitos do Distrito Militar Ocidental (1° , 6° e 20°) orientaram-se às regiões de passagem obrigatória sobre o Rio Dnipro no centro do país (Kremenchuk e/ou Dnipro) e à localidade de Izium. Na região do Donbass, o 8° Exército do Distrito Militar Sul e os dois corpos de milícias separatistas sob seu controle (1° Corpo de Donetsk e 2° Corpo de Luhansk) conquistaram a porção norte de Luhansk e fixaram as forças ucranianas na área considerada. A partir da Crimeia, o 58° Exército e o 22° Corpo do Distrito Militar Sul, com apoio de forças aerotransportadas, progrediram em duas direções divergentes: uma dirigida a Melitopol, Zaporizhia e Mariupol; e outra direcionada para Kherson, Mykolaiv e Odessa. Na região oeste da fronteira bielorrusso-ucraniana, o 29° Exército do Distrito Militar Oriental manteve o contato com as tropas de Kiev destacadas na área. Em princípio, o comando militar russo manteve em reserva o 5° Exército do Distrito Militar Oriental ao norte (concentrado no Bielorrússia) e o 49° Exército do Distrito Militar Sul a sudeste (concentrado nos arredores de Rostov ou Krasnodar). Entretanto, a maioria dos exércitos não alcançou os seus correspondentes objetivos estratégico-operacionais. O esforço principal ao norte atingiu a periferia de Kiev, por ambas as margens do Rio Dnipro, mas não logrou o cerco completo da capital tampouco a sua ambicionada conquista.

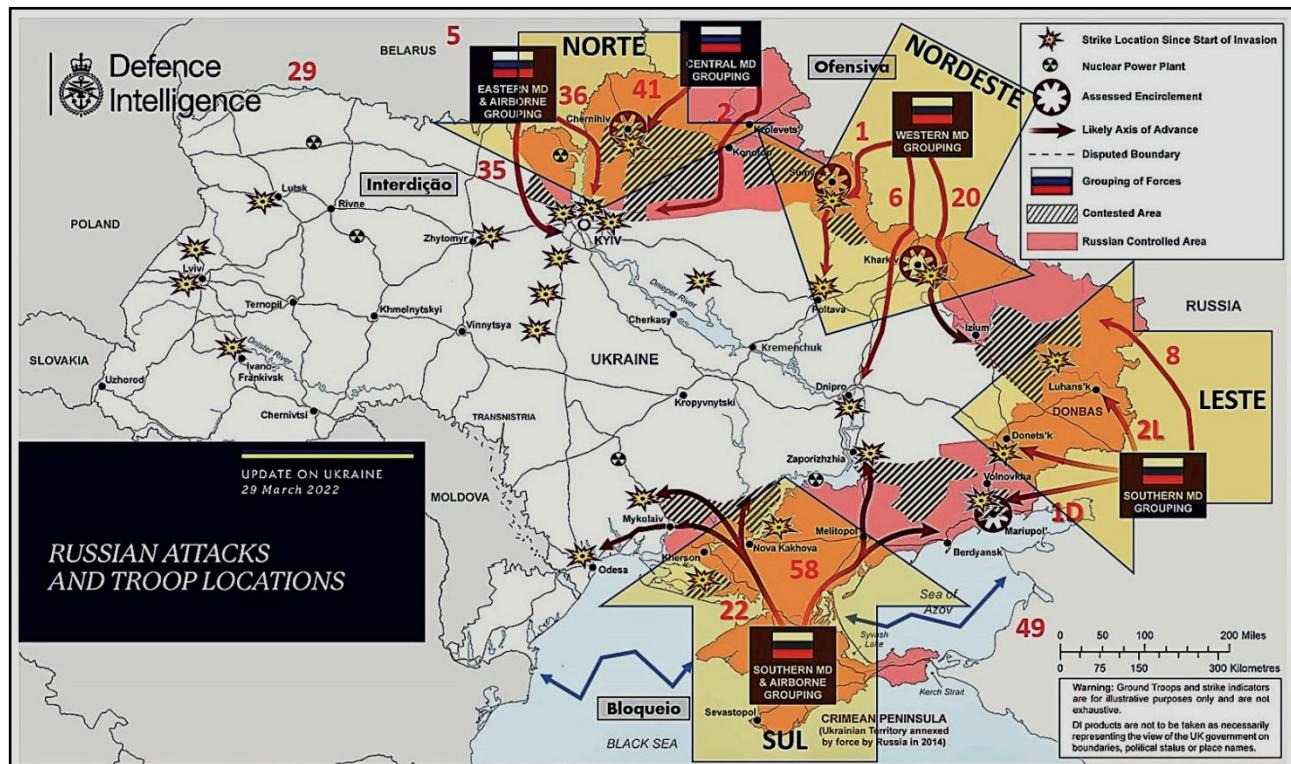
Em face do que precede, é plausível enquadrar a grande estratégia do Kremlin para o conflito²³, durante a fase inicial da guerra, no método de ação direta, segundo os modelos de ameaça direta, ainda no estágio de crise, e de conflito violento durante a beligerância²⁴ (Beaufre, 1998). Transitando no domínio da estratégia militar, nota-se que Moscou, na busca de uma rápida e decisiva vitória militar (Freedman, 2023), optou equivocadamente pelo método da ação direta (Clausewitz, 1984) ou da aniquilação (Echevarria II, 2017), não obstante essa escolha estivesse alinhada ao nível estratégico superior. Em conexão com o propósito político da guerra, a intenção estratégica do comando

²³ Cabe registrar que alguns analistas, incluindo Mearsheimer (2022), entendem que a ofensiva russa não foi um ato de força bruta (Schelling, 1966), mas uma estratégia coercitiva de Moscou, como “demonstração de força” para induzir a submissão de Kiev, porquanto avaliam que a força de invasão era insuficiente para conquistar a Ucrânia. Segundo Byman e Waxman (2002, p. 5, tradução nossa), “Distinguir a força bruta da coerção é semelhante ao debate sobre o que constitui pornografia ou arte: a coerção está muitas vezes nos olhos de quem vê.” No original: “*Distinguishing brute force from coercion is similar to the debate over what constitutes pornography or art: coercion is often in the eye of the beholder.*”

²⁴ O modelo de ameaça direta concerne ao uso potencial do poder militar, mediante ameaça concreta e direcionada, por compelência ou dissuasão, de forma a coagir o oponente a aceitar as condições que lhe são impostas ou renunciar às suas pretensões. Por outro lado, o modelo de conflito violento incorpora a ideia de uma vitória militar em uma ou mais batalhas, preferencialmente de curta duração, com emprego de potentes recursos bélicos em múltiplos domínios, sendo caracterizada pela forte intensidade militar.

militar russo era neutralizar, por destruição ou captura, as forças militares inimigas (desmilitarização), conquistar integralmente o território ucraniano (guerra ilimitada, mudança de regime), neutralizar eventuais forças de resistência e dissuadir qualquer interferência direta da OTAN. Nesse sentido, Moscou combinou diversas estratégias de emprego do poder militar, quais sejam: em face da Ucrânia, a ofensiva, a interdição, o bloqueio e a pacificação, de forma cumulativa; e a dissuasão (nuclear) ante a OTAN. Conforme declaração de Freedman (2023, tradução nossa): “No início da guerra, o presidente russo, Vladimir Putin, invocou a ameaça nuclear para alertar os países da OTAN contra uma intervenção direta”.²⁵

Figura 3 – Invasão da Ucrânia



Fonte: Ministério da Defesa do Reino Unido (adaptada pelo autor).

Contudo, o malogro da primeira fase da campanha militar russa derivou de escolhas inadequadas do Kremlin por ocasião de sua concepção estratégica militar. O método da aniquilação demanda flagrante superioridade de poder de combate em favor do atacante, que delineia um quadro de forte assimetria militar entre os oponentes, proporcionando condições favoráveis de força para a destruição do inimigo em múltiplas direções e a conquista de seu território. Com efeito, a despeito da aparente paridade numérica em recursos humanos, as forças russas eram dotadas de material bélico com elevado nível tecnológico e em quantitativo deveras superior de carros de combate, peças de artilharia, helicópteros, aeronaves de caça, bombardeiros, navios de guerra e submarinos, entre outros equipamentos bélicos. Todavia, a prevalência numérica e tecnológica não assegura a vitória (Biddle, 2004), em razão de fatores intangíveis que impactam sobremaneira o poder relativo de combate,

²⁵ No original: “At the outset of the war, Russian President Vladimir Putin invoked the nuclear threat to warn NATO countries against direct intervention.”

como a eficácia da doutrina militar, o nível de adestramento tático, o exercício da liderança e a motivação das tropas, *inter alia*, aspectos estes de sensível carência no aparato castrense de Moscou. Em contrapartida, cabe observar que os ucranianos empreendem uma luta derradeira por sua terra natal e pela sobrevivência da Ucrânia como ente estatal soberano. E tais fatores, mesmo não mensuráveis, alteram sobremodo a relação de força dos oponentes.

Destarte, o fracasso da campanha operacional russa, sinalizado pelo não atingimento dos objetivos estratégicos propostos durante a fase inicial da guerra, evidencia, categoricamente, uma imprecisão grosseira da avaliação estratégica do Kremlin, decorrente tanto da superestimação das capacidades militares russas, como da subestimação da resistência armada ucraniana (Freedman, 2022). De acordo com Bowen (2023, tradução nossa),

Inicialmente, as forças russas obtiveram ganhos em todas as linhas de avanço. No entanto, as forças russas encontraram níveis efetivos e provavelmente inesperados de resistência ucraniana desde o início da invasão. Além disso, muitos analistas e assessores avaliam que, durante esta primeira fase da guerra, os militares russos tiveram um desempenho geral deficiente, sendo prejudicados por escolhas táticas ruins, logística deficiente, comunicações ineficazes e problemas de comando e controle. As Forças Armadas Ucranianas (FAU), embora em desvantagem quantitativa e qualitativa em termos de pessoal, equipamento e recursos, revelaram-se mais resilientes e adaptáveis do que a Rússia esperava.²⁶

Em consequência do exposto, constata-se que o método de aproximação indireta (Hart, 1967) ou de deslocação (Echevarria II, 2017), igualmente vinculado a uma estratégia nacional de ação direta, era a opção mais congruente com o cenário de relativa equipotência militar entre Moscou e Kiev. Em verdade, o referido método exige uma relação mínima de forças de 1,5:1 em favor do atacante, no âmbito do teatro de operações (Biddle, 2004). Mediante a aplicação coerente dos princípios da massa e da economia de forças, é possível concentrar poder de combate suficiente na frente selecionada (3:1 ou superior) para romper as posições inimigas. Destarte, a rápida manobra envolvente em profundidade, efetuada por forças blindadas, desequilibra o adversário, atinge seu centro de gravidade e anula sua capacidade de reação, induzindo a paralisia estratégica do oponente.

A aproximação indireta não constitui panaceia para a problemática do conflito armado, porquanto nem sempre as condições operacionais viabilizam a implementação da referida estratégia militar. Entretanto, no teatro de operações ucraniano, havia disponibilidade de inúmeras DTA, possibilitando a dissimulação da operação e a obtenção da surpresa. As forças terrestres russas eram majoritariamente blindadas, dispondo de forte apoio de fogo e de engenharia, entre outros recursos de apoio ao combate. Ademais, o terreno predominante na Ucrânia proporciona excelente transitabilidade para blindados, assim como a profundidade da manobra (até o corte do Rio Dnipro) era compatível com a manutenção do fluxo logístico ininterrupto. Por fim, a força aérea russa era inegavelmente superior à sua congênere ucraniana, sendo plenamente capaz de obter a superioridade aérea no início da invasão, bem como prover apoio de fogo aéreo às forças de superfície. Todavia, o sucesso dessa estratégia reside na concentração do poder de combate no momento e no local decisivos da batalha,

²⁶No original: “Initially, Russian forces made gains along all lines of advance. However, Russian forces ran into effective and likely unexpected levels of Ukrainian resistance from the invasion’s outset. In addition, many analysts and officials assess that, during this first stage of the war, the Russian military performed poorly overall and was hindered by specific tactical choices, poor logistics, ineffective communications, and command-and-control issues. The Ukrainian Armed Forces (UAF), while at a quantitative and qualitative disadvantage in personnel, equipment, and resources, have proven more resilient and adaptive than Russia expected.”

como também na velocidade do movimento tático. Não obstante, segundo Bowen (2023, p. 4, tradução nossa), “as forças russas engajaram-se em múltiplas linhas de avanço em vez de se concentrarem em uma única frente”,²⁷ dissipando assim o poder de combate de Moscou e, por conseguinte, retardando o avanço de seus exércitos. A prioridade da manobra russa deveria ser o cerco e a destruição da maioria de meios do exército oponente, possibilitando, na sequência, a conquista dos objetivos estratégico-operacionais e, de modo consequente, o atingimento do estado final desejado.²⁸

Em compensação, Kiev desenvolveu sua estratégia nacional para o conflito consoante o método de ação indireta, em que as ações político-diplomáticas e psicossociais de sua manobra exterior se revelaram fulcrais para o esforço de guerra ucraniano e, por conseguinte, para o prosseguimento da luta contra Moscou. De modo geral, o propósito político da Ucrânia pode ser sintetizado pela expulsão do invasor russo, pelo restabelecimento de sua integridade territorial ao status quo anterior a 2014, pela preservação de sua soberania e autodeterminação, pela pacificação da Crimeia e das províncias separatistas de Donetsk e Luhansk, e pela manutenção do suporte político-econômico e militar do Ocidente. Ao longo do conflito, a Ucrânia mesclou a pressão indireta com ações em força limitadas, como modelagem estratégica, combinação esta nomeada por Beaufre (1998) como ações sucessivas.

Sob a ótica da estratégia militar, é cabível afirmar que Kiev optou pela ação indireta com a finalidade de manter a posse do território ucraniano não ocupado pelo invasor, degradar as capacidades militares russas (guerra de atração ou erosão), desgastar as forças de ocupação (guerra de exaustão) e, em momento posterior, neutralizar as forças insurgentes no Donbass e na Crimeia.²⁹ A implementação da mencionada estratégia militar demandou diversificadas operações militares associadas às estratégias da defensiva, da interdição e da resistência, cumulativamente, ante o invasor russo, e da defensiva em face da ameaça oriunda da Bielorrússia. Em fase subsequente, após a retirada das forças de Moscou, adotar-se-ia a estratégia da pacificação nas regiões do Donbass e da Crimeia.

4 A GUERRA NO DONBASS E ARREDORES

Após o malogro da guerra de movimento desempenhada pelos grupos táticos de batalhão russos, Moscou supostamente minimalizou seus objetivos políticos e reconsiderou a sua concepção estratégica nas esferas nacional e militar, convergindo seus esforços bélicos na região do Donbass e no sul da Ucrânia. De acordo com Bowen (2023, p. 7, tradução nossa), “No final de março de 2022, as ofensivas russas em torno de Kiev estagnaram. Depois de falhar em alcançar rapidamente uma vitória decisiva, a Rússia aparentemente reavaliou os seus objetivos e a sua estratégia para obter ganhos territoriais no sul e no leste da Ucrânia”.³⁰ Presumivelmente, por insuficiência de poder, mesmo que transitória, Moscou renunciou aos seus objetivos maximalistas concernentes à mudança de regime e à desmilitarização da Ucrânia (Freedman, 2022). Nesse momento da guerra, o Kremlin, em princípio, empenhou-se na manutenção da faixa costeira adjacente ao Mar de Azov, assegurando um corredor

²⁷ No original: “Initially, Russian forces committed to multiple lines of advance rather than concentrating on one single front.”

²⁸ A vitória alemã sobre os franceses e britânicos em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, ilustra classicamente a estratégia da aproximação indireta idealizada por Liddell Hart (1967).

²⁹ As estratégias da atração e da exaustão (Echevarria II, 2017) são modalidades distintas da estratégia militar de ação indireta (Tzu, 2011). Contudo, ambas têm por objetivo a submissão do oponente, não a sua neutralização.

³⁰ No original: “Toward the end of March 2022, Russian offensives around Kyiv stalled. After failing to achieve a decisive victory quickly, Russia appeared to re-evaluate its objectives and strategy toward achieving territorial gains in the south and east of Ukraine.”

terrestre entre o Donbass e a Crimeia, e no restabelecimento da integridade territorial das Repúblicas de Donetsk e Luhansk.

Em face do que precede, o início do mês de abril de 2022 foi notabilizado pela surpreendente retirada das forças russas das regiões norte e nordeste da Ucrânia, com boa parte dessas tropas sendo deslocada para o leste e o sul do teatro de operações, em aproveitamento da pausa operacional de aproximadamente duas semanas para promover uma reorganização dos grupamentos de forças. Após a momentânea interrupção dos combates, Moscou desencadeou a segunda fase de sua campanha militar na Ucrânia, cujo objetivo estratégico primordial era a conquista integral do território de Luhansk, em paralelo à manutenção da posse sobre as áreas conquistadas durante a primeira fase, à degradação das capacidades de Kiev e à neutralização das forças de resistência ucranianas.

Nesse contexto operacional, os penosos combates urbanos, os intensivos duelos de artilharia, a estagnada guerra de trincheiras, a profusão de campos minados e o uso maciço de drones aéreos e marítimos retrataram um extenuante embate de atração, característico das operações militares desempenhadas no Donbass, em similitude às guerras de segunda geração,³¹ que cobrou elevados custos humanos e materiais a ambas as partes, todavia, com maior prejuízo às forças atacantes. No período em tela, destacaram-se as batalhas de Severodonetsk e Lysychansk, cuja conquista pelas tropas russas, no início de julho de 2022, praticamente consolidou a posse sobre toda a extensão territorial da República de Luhansk, em atendimento aos indicadores da segunda fase da campanha russa. Em seguimento, procedeu-se a uma nova pausa operacional para a reorganização das tropas, bastante desgastadas que estavam pelos intensos combates. Conforme declara Bowen (2023, p. 11, tradução nossa),

Durante o resto de julho, as forças russas tentaram se reagrupar e fazer uma pausa operacional, depois de sofrerem pesadas baixas ao capturar Severodonetsk e Lysychansk. A Rússia provavelmente tinha esgotado a maior parte das suas forças e precisava de tempo para se reaparelhar, reabastecer e reorganizar.³²

Dando prossecução à manobra operacional, Moscou lançou a terceira fase de sua campanha militar em agosto de 2022 contra as localidades de Soledar e Bakhmut, na República de Donetsk, importantes objetivos de valor tático que permitiam o prosseguimento da ofensiva contra o complexo fortificado de Sloviansk e Kramatorsk e, também, na direção do nó rodoviário de Pokrovsk, acidentes capitais de relevância operacional indispensáveis ao exercício do controle territorial pleno de Donetsk. A icônica Batalha de Bakhmut assinala o protagonismo das empresas militares privadas (EMP) nos combates de alta intensidade travados em ambiente urbano, com destaque especial para o *Wagner Group*³³ (Bowen, 2023). A referida batalha somente foi consumada em favor de Moscou em maio de 2023, após dez meses de atração com milhares de baixas entre russos e ucranianos.

Aproveitando-se das substanciais baixas nas fileiras do Kremlin ao longo da guerra de atração no Donbass, Kiev logrou êxito em duas contraofensivas limitadas, empreendidas nas províncias de Kharkiv e de Kherson, em setembro e novembro de 2022, respectivamente. Muitos analistas

³¹ Para maiores detalhes sobre a tipologia geracional da guerra, consultar Lind *et al.* (1989).

³² No original: “Over the rest of July, Russian forces attempted to regroup and take an ‘operational pause’ after suffering heavy casualties capturing Severodonetsk and Lysychansk. Russia likely had exhausted most of its forces and required time to refit, resupply, and reorganize.”

³³ Por se envolverem diretamente em ações de combate, tais EMP são classificadas como grupos mercenários. Essa condição peculiar cria óbices na cadeia de comando e controle do aparato militar, como ficou demonstrado na rebelião do *Wagner Group* contra o comando militar russo, em 24 de junho de 2023 (Bowen, 2023; TASS, 2023).

entenderam a pressão ofensiva ucraniana na província de Kherson, na margem oeste do Rio Dnipro, iniciada ao final de agosto, como uma operação de dissimulação militar³⁴, no intuito de atrair as escassas reservas russas para a região sul do teatro de operações. Uma semana após, Kiev atacou as posições rarefeitas das tropas russas na província de Kharkiv, retomando cerca de 12 mil quilômetros quadrados.

Como decorrência dessa humilhante derrota, Moscou anunciou, em 21 de setembro, uma mobilização parcial para convocar cerca de 300 mil reservistas, destinados a recompletar perdas e guarnecer novas estruturas militares (TASS, 2022b). Em novembro, diante das desfavoráveis condições defensivas na margem oeste do Rio Dnipro, o comando militar russo convenceu Putin a autorizar um movimento retrógrado³⁵ para apresentar nova defesa no corte do mencionado curso d'água. As posições defensivas russas somente alcançaram a estabilidade desejada pelo Kremlin após a chegada dos reservistas mobilizados, em seguida a um curto período de treinamento básico com duração média de quatro semanas.

Figura 4 – Mapa de situação em 23 de janeiro de 2024



Fonte: Russia Matters (2024) (adaptada pelo autor).

³⁴ É o conjunto de medidas e ações para induzir o inimigo ao erro em determinada situação, com a finalidade de conduzir sua reação de forma favorável aos nossos interesses. Incorpora a dissimulação tática (fintas e demonstrações), a dissimulação eletrônica, as técnicas de camuflagem e o emprego de fumígenos.

³⁵ “Tipo de operação defensiva em que é realizado qualquer movimento tático organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do inimigo, seja forçado por este, seja executado voluntariamente, como parte de um esquema geral de manobra” (Brasil, 2015, p. 176).

Em virtude do relatado anteriormente, é possível inferir que o Kremlin e seu comando militar, perante a realidade adversa dos combates travados na fase anterior, elegeram a ação indireta, como método estratégico nacional e militar, para a continuação da “operação militar especial” na Ucrânia, a fim de submetê-la à sua agenda política. No tocante à grande estratégia para o conflito, verifica-se que Moscou orientou a aplicação de seu poder nacional segundo o modelo de ações sucessivas (Beaufre, 1998), em que o uso da força de forma limitada tencionou degradar as capacidades de Kiev, manter a posse dos territórios conquistados, bem como neutralizar forças de resistência. As ofensivas limitadas conduzidas pelo Kremlin tiveram por finalidade a conquista de regiões das Repúblicas de Luhansk e de Donetsk que ainda estavam sob controle ucraniano. Destarte, a manobra estratégica de Moscou, durante as operações no Donbass e seus arredores, mesclou as estratégias da ofensiva e da defensiva, da interdição e do bloqueio, assim como da pacificação, mantendo-se a dissuasão como postura básica ante a ameaça de intervenção da aliança transatlântica, ancorada sobretudo na tríade nuclear russa.

5 A CONTRAOFENSIVA DE KIEV EM 2023

À medida que Kiev recebia aportes significativos de equipamentos militares oriundos sobretudo de países ocidentais – Estados Unidos e União Europeia – traduzidos por carros de combate (tanques), veículos blindados, obuseiros, lançadores de foguetes, helicópteros, aeronaves de caça e drones, *inter alia*, as forças armadas ucranianas agregavam novas capacidades operacionais e potencializavam as existentes, assimilando a doutrina militar ocidental e edificando novas estruturas organizacionais (9º e 10º Corpos, por exemplo) (Kofman; Lee, 2023). O impacto positivo no seu poder de combate foi tão expressivo que a liderança ucraniana identificou oportunidades para passar à contraofensiva, no contexto de uma grande estratégia de ação direta, para derrotar o invasor russo em batalha e expulsá-lo do território ucraniano. Destarte, Kiev vislumbrou o modelo de conflito violento (Beaufre, 1998) como forma exequível de alcançar seus objetivos políticos no curto prazo, incorporando a ofensiva – em larga escala – na sua manobra estratégica, posto que os custos do conflito decorrentes da estratégia de atração (Echevarria II, 2017) promovida pelo Kremlin se tornavam insuportáveis.

Ao longo do ano de 2022, beneficiando-se da rarefação de tropas russas na linha de contato, Kiev logrou recuperar consideráveis porções territoriais nas províncias de Kharkiv, em setembro, e de Kherson, em novembro. Contudo, as forças russas conseguiram estabilizar todas as frentes de combate no teatro de operações, mormente após os reforços procedentes da mobilização parcial decretada por Putin. Ademais, o comando militar russo desenvolveu uma manobra defensiva alicerçada em sucessivas posições fortificadas,³⁶ dispostas em profundidade e apoiadas por uma profusão de obstáculos anticarro e antipessoal, notavelmente os campos de minas dispersáveis. Os ucranianos logo perceberam que o problema militar havia se tornado muito mais complexo.

Por conseguinte, a nova contraofensiva, uma operação de grande vulto que tencionava ser, necessitava de um planejamento pormenorizado e uma preparação extremada. A fim de alcançar o triunfo operacional, Kiev depositou sua confiança no apoio militar ocidental, manifestado em termos

³⁶As Linhas Surovkin são posições fortificadas russas, dispostas em profundidade, que foram planejadas pelo General Sergey Surovkin, enquanto comandante do teatro de operações, logo após a contraofensiva ucraniana na região de Kharkiv em setembro de 2022.

de apoio de inteligência, assessoria de estado-maior, treinamento básico e adestramento tático das tropas ucranianas (essencialmente nove brigadas de manobra, em período de quatro a seis semanas) (Mearsheimer, 2023), fornecimento de material bélico de elevado nível tecnológico, manutenção dos diversificados equipamentos em uso, bem como suprimentos variados – particularmente munição – para sustentar as operações militares.

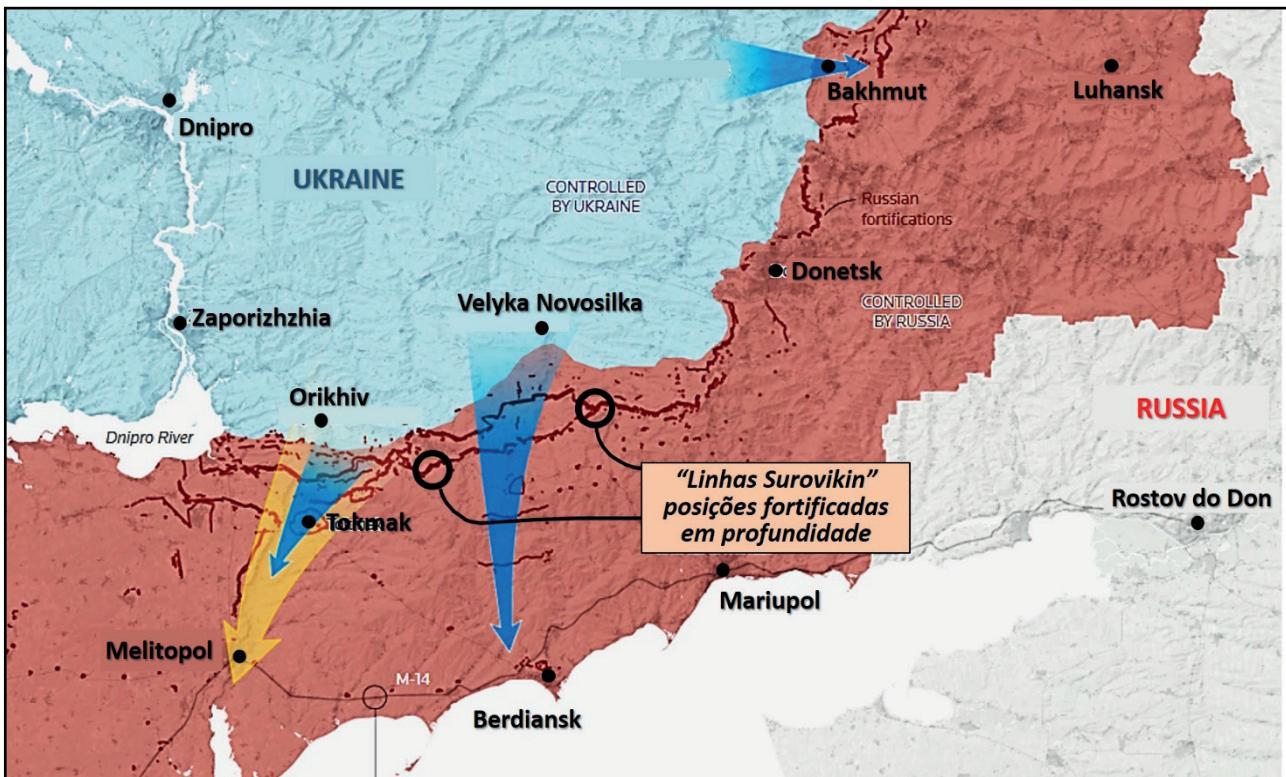
Em 04 de junho de 2023, irrompeu a grande contraofensiva de Kiev, articulada basicamente em três regiões: Orikhiv (Província de Zaporizhia), Velyka Novosilka e Bakhmut (Província de Donetsk) (Bowen, 2023). Aparentemente, o ataque principal, lançado a partir de Orikhiv, foi direcionado às localidades de Tokmak e de Melitopol, sendo este o objetivo principal da operação ofensiva. A partir da região de Velyka Novosilka, o ataque secundário pretendia conquistar uma área portuária, presumivelmente Berdiansk ou Mariupol. Em princípio, os ataques na região de Bakhmut serviram apenas para fixar tropas e atrair reservas (Kofman; Lee, 2023; Mearsheimer, 2023). O propósito da contraofensiva era interromper a ligação terrestre da Rússia com a Crimeia, assim como alcançar a costa do Mar de Azov, proporcionando, destarte, condições vantajosas em favor de Kiev durante eventuais negociações de paz com Moscou. Contudo, a contraofensiva ucraniana falhou sem, ao menos, lograr romper a posição defensiva russa. De acordo com a avaliação de Mearsheimer (2023, tradução nossa, grifo nosso),

A contraofensiva ucraniana estava fadada ao fracasso desde o início. Um olhar na disposição das forças de ambos os lados e no que o exército ucraniano estava tentando fazer, juntamente com uma compreensão da história da guerra terrestre convencional, deixa claro que não havia praticamente nenhuma chance de as forças ucranianas atacantes conseguirem derrotar as forças defensivas da Rússia. e atingir os seus objetivos políticos. A Ucrânia e os seus apoiadores ocidentais esperavam que o exército ucraniano pudesse executar uma estratégia clássica de *blitzkrieg* para escapar à guerra de atração que a estava esmagando.³⁷

Inúmeros fatores contribuíram para o supracitado malogro ofensivo, a saber: a carência de surpresa por alarde antecipado das lideranças políticas e militares ucranianas; a falta de superioridade aérea das forças atacantes na região de operações; a ineficácia das defesas antiaéreas ucranianas contra a atuação da força aérea russa; o apoio inexpressivo da artilharia ucraniana na supressão dos fogos defensivos inimigos; a solidez das fortificações construídas pela engenharia russa, no contato e em profundidade; o largo emprego de obstáculos pelo defensor, como campos de minas, redes de arame, ouriços de aço, dentes de dragão e fossos anticarro; a atuação eficaz da guerra eletrônica russa contra as comunicações, radares de vigilância aérea e drones inimigos; o exíguo adestramento das tropas ucranianas encarregadas das principais ações ofensivas, inviabilizando a manobra de armas combinadas; assim como a inexperiência militar dos novos recursos humanos mobilizados por Kiev (Kofman; Lee, 2023; Mearsheimer, 2023).

³⁷No original: “*The Ukrainian counteroffensive was doomed to fail from the start. A look at the lineup of forces on both sides and what the Ukrainian army was trying to do, coupled with an understanding of the history of conventional land war, make it clear that there was virtually no chance the attacking Ukrainian forces could defeat Russia's defending forces and achieve their political goals. Ukraine and its Western supporters hoped that the Ukrainian army could execute a classic blitzkrieg strategy to escape the war of attrition that was grinding it down.*”

Figura 5 – Contraofensiva ucraniana em 2023



Fonte: Reuters (2023) (adaptada pelo autor).

6 CONCLUSÃO

Como corolário dos fatos e argumentos precedentes, é cabível inferir que as escolhas estratégicas de Moscou e de Kiev derivaram, em grande medida, do cálculo racional de custos, riscos e benefícios inerentes às peculiares circunstâncias estratégicas de cada etapa do conflito russo-ucraniano. Neste trabalho de pesquisa, percebe-se uma transmutação de métodos, modelos e atitudes estratégicas adotados por cada parte antagonista. Tal variação metodológica atesta a volatilidade estratégica durante os conflitos armados, como resultado da mutabilidade do ambiente estratégico e seu decorrente impacto na liberdade de ação e no esforço de guerra dos beligerantes, da variabilidade das características físicas, humanas e informacionais da área operacional, da retificação das condicionantes temporais e da oscilação das capacidades materiais e morais dos contendores, conforme se depreende dos fatores estratégicos³⁸ apresentados por Beaufre (1998). A seguir, apresenta-se uma tabela sintetizante da dinâmica estratégica do conflito em tela.

³⁸Em sua obra *Introdução à Estratégia*, Beaufre (1998, p. 145) nos apresenta os fatores que impactam as escolhas estratégicas, quais sejam: a liberdade de ação, as forças materiais, as forças morais e as condições de tempo. Em adição, ao referir-se aos modelos estratégicos, destaca também a relevância dos objetivos políticos do conflito.

Tabela 1 – Dinâmica estratégica do conflito russo-ucraniano

Guerra Russo-Ucraniana		Crise da Crimeia e Guerra Civil	Invasão Russa da Ucrânia	Guerra no Donbass e arredores	Contraofensiva ucraniana
Concepção Estratégica	Rússia	Método: ação indireta Modelagem: ações sucessivas	Método: ação direta Modelagem: ameaça direta e conflito violento	Método: ação indireta Modelagem: ações sucessivas	Método: ação indireta Modelagem: ações sucessivas
		Manobra: dissuasão, ofensiva (<i>fait accompli</i>) e interdição (ações indiretas)	Manobra: dissuasão, ofensiva (em larga escala), interdição, bloqueio e pacificação	Manobra: ofensiva (ações limitadas), defensiva, interdição, bloqueio e pacificação	Manobra: defensiva, interdição, bloqueio e pacificação
	Ucrânia	Método: ação indireta Modelagem: pressão indireta	Método: ação indireta Modelagem: ações sucessivas	Método: ação indireta Modelagem: ações sucessivas	Método: ação direta Modelagem: conflito violento
		Manobra: dissuasão e pacificação (região do Donbass)	Manobra: dissuasão, defensiva, interdição e resistência	Manobra: defensiva, ofensiva (ações limitadas), interdição e resistência	Manobra: ofensiva (em larga escala), defensiva, interdição e resistência

Observações: Coincidemente, os métodos citados nesta tabela aplicam-se às estratégias nacional e militar. Os modelos estratégicos constam da teoria oferecida por Beaufre (1998). No item manobra (estratégica), estão citadas as estratégias de emprego do poder militar constantes da obra de Ferreira e Teixeira Júnior (2021). A Rússia empregou suas EMP em apoio ao movimento separatista no Donbass em 2014 e 2015, o que constitui agressão indireta.

Fonte: elaborada pelo autor.

Em face do exposto, é possível concluir que a anexação da Crimeia por Moscou em 2014 e seu subsequente patrocínio à insurgência no Donbass foram produto de uma estratégia de ação indireta aos moldes de um conflito na zona cinza (Galeotti, 2023). Em contrapartida, Kiev buscou na pressão indireta uma modelagem estratégica coerente para se contrapor à agressão direta (*fait accompli*) e indireta de Moscou. A ineficácia da compelência exercida pelo Kremlin suscitou a invasão terrestre da Ucrânia no início de 2022, concomitantemente a ações de bloqueio e interdição, evidenciando o protagonismo da violência na concepção estratégica russa, moldada pelo método da ação direta e pelo modelo de conflito violento. Não restou alternativa a Kiev exceto se defender para assegurar sua sobrevivência como ente político soberano, mediante hábil combinação das estratégias da defensiva, da interdição e da resistência, que paralisou o avanço das colunas blindadas invasoras.

O insucesso da guerra de movimento obrigou Moscou a reformular seus objetivos políticos e, por conseguinte, sua concepção estratégica. Destarte, o Kremlin, alternando para o método de ação indireta, buscou limitar suas ações ofensivas à região do Donbass, reconhecendo na guerra de atrição uma forma eficaz de submeter Kiev aos seus interesses. Contudo, o apoio político-econômico-militar do Ocidente a Kiev, em conjugação com as elevadas baixas russas, alterou o poder relativo de combate em algumas áreas do teatro de operações, viabilizando contraofensivas limitadas bem-sucedidas das forças ucranianas. Não obstante, os custos políticos, econômicos, psicossociais e militares da Ucrânia tornaram-se cada vez mais incompatíveis com o seu esforço de guerra. Consequentemente, Kiev vislumbrou a vitória por meio da ação direta, implementada por uma contraofensiva de vulto que produzisse impacto decisivo para a solução da contenda. Todavia, Kiev não logrou êxito em função de diversos óbices operacionais apresentados ao longo deste trabalho.

Após uma série de ofensivas e contraofensivas, de parte a parte, o conflito em tela atingiu uma situação de impasse estratégico. Segundo Bowen (2023, p. 30, tradução nossa), “Como a guerra na Ucrânia se estende por mais de 18 meses, analistas e autoridades acreditam que a atrição é a trajetória mais provável para o futuro imediato, embora com ofensivas localizadas e algumas mudanças no controle territorial de ambos os lados”.³⁹ Não obstante, no momento da conclusão desta pesquisa,

³⁹No original: “As the war in Ukraine has extended for more than 18 months, analysts and officials believe attrition is the

percebe-se uma alteração no ambiente estratégico, momentaneamente nos países ocidentais, ocasionando uma crescente hesitação na sustentação do esforço de guerra da Ucrânia. Tal dilema já desequilibrou momentaneamente a relação de força dos oponentes em favor do Kremlin, que conquistou recentemente Avdiivka, localidade em posse de Kiev desde 2014.

Diante do que precede, dadas as atuais circunstâncias estratégicas, torna-se viável conjecturar sobre as distintas possibilidades de desfecho do conflito russo-ucraniano, independentemente de seus respectivos graus de probabilidade de ocorrência, quais sejam: a vitória da Rússia; a vitória da Ucrânia; uma solução por acordo político; o congelamento do conflito; ou uma escalada do conflito.

Uma vitória russa implica a consecução dos objetivos estabelecidos pelo Kremlin, levando em consideração a reformulação política – minimalização – após o malogro da invasão inicial. Nesse sentido, Moscou necessita consolidar a sua soberania sobre a Crimeia, manter a posse parcial de Kherson e Zaporizhzhia para garantir um corredor terrestre de acesso àquela península e ultimar a conquista dos territórios de Donetsk e de Luhansk. Por outro lado, em havendo um colapso da resistência ucraniana por falta de suporte financeiro-militar do Ocidente, a maximalização dos objetivos do Kremlin, concernentes à mudança de regime e à desmilitarização de Kiev, revela-se uma realidade plausível. De qualquer maneira, o triunfo pleno do Kremlin requer a renúncia de Kiev ao ingresso na aliança militar transatlântica.

Em contrapartida, a vitória da Ucrânia demanda a expulsão completa do invasor russo e a pacificação do Donbass, com o restabelecimento de sua integridade territorial à situação pré-2014. Somente a manutenção do apoio militar ocidental e a mobilização de novos recursos humanos proporcionarão condições favoráveis para o prosseguimento das operações ucranianas, ensejando uma nova contraofensiva com poder de combate renovado.

Caso haja prevalência do impasse estratégico, pode-se pressupor o congelamento do conflito, sem a formalização de um acordo de paz ou de cessar-fogo, instituindo um foco de instabilidade regional no Leste Europeu. A despeito das divergências territoriais, admite-se também a hipótese de uma solução política, mediante acomodação de interesses com cedências recíprocas, caso prepondere a disposição coletiva pela estabilização securitária da Europa. Decerto, garantias e compensações de todas as partes envolvidas, inclusive da OTAN, devem estar incluídas no pacote negociado.

Embora de exígua probabilidade, há que considerar o cenário de escalada do conflito, em que a Rússia decide empregar parcela do seu arsenal atômico para reverter um quadro de derrota ou para acelerar a submissão de Kiev, em razão dos crescentes custos de sua campanha militar. A partir dessa lógica, o uso de armas nucleares táticas por Moscou certamente acarretará a interferência direta da OTAN no conflito, de uma forma ou de outra. Em última instância, não seria paranoia imaginar um intercâmbio nuclear de grandes proporções e de consequências catastróficas globais.

Para Mearsheimer (2023, tradução nossa), “O resultado mais provável é que a guerra continue e eventualmente termine num conflito congelado com a Rússia em posse de uma porção significativa do território ucraniano. Mas esse resultado não encerrará a competição e o conflito entre a Rússia e a Ucrânia ou entre a Rússia e o Ocidente”.⁴⁰

most likely trajectory for the immediate future, albeit with localized offensives and some changes in territorial control by both sides.”

⁴⁰No original: “The most likely result is that the war will go on and eventually end in a frozen conflict with Russia in possession of a significant portion of Ukrainian territory. But that outcome will not put an end to the competition and conflict between Russia and Ukraine or between Russia and the West.”

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, Dan. By fait accompli, not coercion: how states wrest territory from their adversaries. *International Studies Quarterly*, Oxford, v. 61, n. 4, p. 881-891, 2017. Disponível em: <<https://academic.oup.com/isq/article/61/4/881/4781720>>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- BEAUFRE, André. *Introdução à estratégia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- BIDDLE, Stephen. *Military power: explaining victory and defeat in modern battle*. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- BOWEN, Andrew S. *Russia's war in Ukraine: military and intelligence aspects*. Congressional Research Service, 2023. Disponível em: <<https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R47068>>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Doutrina militar de defesa*. MD51-M-04. 2. ed. Brasília, DF: MD, 2007.
- Glossário das Forças Armadas*. MD35-G-01. 5. ed. Brasília, DF: MD, 2015.
- Doutrina de operações conjuntas*. MD30-M-01. Brasília, DF: MD, 2020.
- BYMAN, Daniel; WAXMAN, Matthew C. *The dynamics of coercion: American foreign policy and the limits of military might*. New York: Cambridge University Press, 2002.
- CBC NEWS. *Russia could be on the brink of invading Ukraine*. CBC News, 2022. Disponível em: <<https://www.cbc.ca/news/politics/russia-ukraine-invasion-explained-1.6320594>>. Acesso em: 26 dez. 2023.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *On war*. Tradução de Michael Howard e Peter Paret. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- ECHEVARRIA II, Antulio J. *Military strategy: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2017.
- FERREIRA, Walter da Costa; TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M. *Estratégia militar aplicada: metodologia de emprego*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2021.
- FREEDMAN, Lawrence; RAGHAVAN, Srinath. Coercion. In: WILLIAMS, Paul D. (Ed.), *Security Studies: an introduction*. 2. ed. New York: Routledge, 2013.
- FREEDMAN, Lawrence. *Ukraine and the art of strategy*. New York: Oxford University Press, 2019.
- Why war fails: Russia's invasion of Ukraine and the limits of military power*. Foreign Affairs, 2022. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/russian-federation/2022-06-14/ukraine-war-russia-why-fails>>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- Kyiv and Moscow are fighting two different wars*. Foreign Affairs, 2023. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/ukraine/kyiv-and-moscow-are-fighting-two-different-wars>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

GALEOTTI, Mark. *Putin takes Crimea 2014: grey-zone warfare opens the Russia-Ukraine conflict.* Oxford: Osprey, 2023.

GRAU, Lester W.; BARTLES, Charles K. *The Russian way of war: force structure, tactics, and modernization of the Russian ground forces.* Leavenworth: Foreign Military Studies Office, 2016.

HART, Basil H. Liddell. *Strategy: the indirect approach.* Westport: Praeger, 1967.

HAUN, Phil M. *Coercion, survival, and war: why weak states resist the United States.* Stanford: Stanford University Press, 2015.

HOFFMAN, David. *Sino-Russian friendship and the Ukraine situation: a slippery slope for China.* The Conference Board, 2022. Disponível em: <<https://www.conference-board.org/pdfdownload.cfm?masterProductID=38771>>. Acesso em: 26 jan. 2024.

JORDAN, Javier. International competition below the threshold of war: toward a theory of gray zone conflict. *Journal of Strategic Security*, v. 14, n. 1, p. 1-24, 2020. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/26999974>>. Acesso em: 29 dez. 23.

KOFMAN, Michael; LEE, Rob. *Perseverance and adaptation: Ukraine's counteroffensive at three months.* War on the Rocks, 2023. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2023/09/perseverance-and-adaptation-ukraines-counteroffensive-at-three-months/>>. Acesso em: 18 fev. 2024.

LIND, William S.; NIGHTENGALE, Keith; SCHMITT, John F.; SUTTON, Joseph William; WILSON, Gary. The changing face of war: into the fourth generation. *Marine Corps Gazette*, v. 73, n. 10, p. 22-26, 1989. Disponível em: <https://www.academia.edu/7964013/The_Changing_Face_of_War_Into_the_Fourth_Generation>. Acesso em: 10 fev. 2024.

MAHNKEN, Thomas G. Strategic theory. In: BAYLIS, John; WIRTZ, James J.; GRAY, Colin S. *Strategy in the contemporary world.* 6 ed. Oxford: Oxford University Press, 2019.

MEARSHEIMER, John J. The causes and consequences of the Ukraine war. *Horizons: Journal of International Relations and Sustainable Development*, Belgrade, n. 21, p. 12-27, 2022. Disponível em: <<https://www.cirsd.org/files/000/000/009/75/401141581c665840ebdf7c1304da4a9486211f99.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

Bound to lose: Ukraine's 2023 counteroffensive. John's Substack, 2023. Disponível em: <<https://mearsheimer.substack.com/p/bound-to-lose>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

REUTERS. *Mapping Ukraine's counteroffensive.* Reuters, 2023. Disponível em: <<https://www.reuters.com/graphics/UKRAINE-CRISIS/MAPS/klvygwawavg/#four-factors-that-stalled-ukraines-counteroffensive>>. Acesso em 15 fev. 2024.

RUSSIA MATTERS. *The Russia-Ukraine war report card.* Russia Matters Project, Harvard Kennedy School's Belfer Center for Science and International Affairs, 2024. Disponível em: <<https://www.russiamatters.org/news/russia-ukraine-war-report-card/russia-ukraine-war-report-card-jan-23-2024>>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SCHELLING, Thomas C. *Arms and influence.* London: Yale University Press, 1966.

SAVRANSKAYA, Svetlana; BLANTON, Tom. *NATO expansion: what Gorbachev heard*. National Security Archive, 2017. Disponível em: <<https://nsarchive.gwu.edu/briefing-book/russia-programs/2017-12-12/nato-expansion-what-gorbachev-heard-western-leaders-early>>. Acesso em: 25 dez. 2023.

SAW, David. *The rise and fall of the Russian battalion tactical group concept*. European Security & Defence, 2022. Disponível em: <<https://euro-sd.com/2022/11/articles/exclusive/26319/the-rise-and-fall-of-the-russian-battalion-tactical-group-concept/>>. Acesso em: 26 dez. 2023.

TASS. *Russian Army operates around 170 battalion tactical groups – defense chief*. TASS, 2021. Disponível em: <<https://tass.com/defense/1324461>>. Acesso em: 29 jan. 2024.

Putin declares beginning of military operation in Ukraine. TASS, 2022a. Disponível em: <<https://tass.com/politics/1409329>>. Acesso em: 28 jan. 2024.

Russian president Putin's decree on partial mobilization is executed – Kremlin. TASS, 2022b. Disponível em: <<https://tass.com/defense/1530835>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Russian defense ministry warns Wagner fighters against participating in armed rebellion. TASS, 2023. Disponível em: <<https://tass.com/politics/1637525>>. Acesso em: 12 fev. 2024.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. Tradução de Elvira Vigna. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.